

OPERAÇÃO LAVA JATO

A PORTAS FECHADAS



Empresários vão ao Palácio em ato de solidariedade a Hartung

CARLOS ALBERTO SILVA

Representantes do setor produtivo minimizaram citação do governador em delação premiada

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Alguns dos principais empresários do Estado foram ao Palácio Anchieta ontem manifestar apoio e solidariedade ao governador Paulo Hartung (PMDB). O peemedebista foi citado em delação premiada firmada com a Lava Jato pelo ex-presidente da Odebrecht Infraestrutura Benedito Júnior. Na reunião, que durou aproximadamente duas horas, estavam cerca de 100 representantes do setor produtivo capixaba.

O ex-executivo disse que Hartung pediu apoio para campanhas de aliados em 2010 e 2012. Por isso, B.J., como é conhecido, teria autorizado repasse de R\$ 1,080 milhão em caixa dois.

Segundo o atual presidente da Findes, Marcos Guerra, a agenda foi pedida pelo Fórum das Entidades e Federações (FEF), do qual é o coordenador. O Fórum é composto, destacou ele, “pelas federações do Co-

DEFESA

“Temos que esperar para ver, não prejudicar. Todos nós, cidadãos capixabas, temos que ver o que ele nos mostrou e vem nos mostrando até hoje”

OTTO ANDRADE
EMPRESÁRIO

mércio, da Indústria, da Agricultura, dos Transportes e pelo movimento empresarial ES em Ação”.

Os empresários saíram da reunião destacando, em uníssono, a “biografia do governador”, “a convivência de décadas”, os “resultados apresentados” e a “referência que o Estado” se tornou em meio ao caos nacional.

Afirmaram não acreditar que Hartung tenha pedido ou recebido dinheiro ilegal. Para Marcos Guerra, a inclusão de Hartung na lista da Odebrecht foi uma “forma de querer prejudicar o Estado e jogar todo mundo no mesmo saco”. Ele avalia que a Lava Jato é tratada



Marcos Guerra, presidente da Findes, após a reunião

com “sensacionalismo”.

“Não é comum uma pessoa que recebe R\$ 30 mil ir perguntar se é caixa 2 ou caixa 1. A pessoa recebe o recurso e vai traba-

lhar. Entendo que houve ali uma precipitação dos executivos da Odebrecht em querer jogar todo mundo no mesmo saco”, disse Guerra, ao comparar

AVALIAÇÃO

“O Estado passa por uma situação privilegiada. É destaque nacional e, vira e mexe, tem alguém tentando jogar isso para trás”

SÉRGIO TRISTÃO
EMPRESÁRIO

repases citados para figuras locais e nacionais.

Crítico do caixa 2, Guerra também saiu em defesa do ex-governador Renato Casagrande (PSB) e do senador Ricardo Ferraço (PSDB). Ambos também apareceram em delações premiadas. O socialista como suposto beneficiário de R\$ 1,8 milhão ilícito. O tucano, de R\$ 400 mil.

O presidente da Fecomércio, José Lino Sepulcri, considerou “gravíssimo” o que dissera o delator Benedito Júnior: “Agora, não cabe a nós avaliar o mérito da coisa. Cabe à Justiça. Cabe a nós dar apoio a um gestor que nos orgulha”, afirmou.

O empresário Américo Buaiz Filho deposita a confiança em Hartung nas quatro décadas de convívio. “O objetivo foi prestar solidariedade ao governador, ao que ele representa como liderança, a tudo que ele significa e à nossa crença de que o Espírito Santo e o Brasil continuam precisando de líderes como ele. Me sinto grato de participar desse momento prestando essa solidariedade”, afirmou.

Para o empresário Otto Andrade, Hartung tornou o Estado uma referência. Ele afirmou ter “confiança absoluta” na postura ética do político. “Estamos falando que acreditamos porque temos motivos para acreditar”, afirmou.

Segundo o jornalista Cacaú Monjardim, também presente, Hartung afirmou com todas as letras que em momento algum o ex-chefe de gabinete Neivaldo Bragafo foi buscar algum dinheiro a pedido dele.

A reunião foi fechada e o governo não falou sobre o assunto. Hartung tem negado as acusações, assim como Casagrande e Ferraço.

Caixa 2 para governadores era sem limite

VALTER CAMPANATO/ABR

▄ Enquanto as doações oficiais de campanha para governador tinham limitações na Odebrecht, o caixa dois era liberado. Em depoimento à força-tarefa da Operação Lava Jato, o empreiteiro Marcelo Odebrecht disse que, nesses casos, o teto era de R\$ 500 mil para contribuições via caixa um. Não havia, no entanto, limite para pagamentos por fora.

Ele afirmou ainda que existia uma preocupação para que, mesmo dentro do grupo empresarial, o responsável por um repasse não soubesse o valor dos outros. Os montantes eram negociados por cada empresa subsidiária do grupo.

“Não tinha (limite para caixa dois). Cabia a cada um (definir o valor). O caixa dois é aquela história. Cabia a cada empresário definir. Não tinha (limite).



Governador de Minas, Pimentel foi beneficiado

Ninguém sabia o caixa dois do outro. Nem internamente”, afirmou Marcelo.

O teto de R\$ 500 mil valia para campanhas de governador de Estados estratégicos: “Essas coisas, no final das contas, tinha uma indisciplina ou uma escorregadela, mas em geral, o que eu me lembro é o se-

guinte: um governador de um Estado relevante, na candidatura dele, em geral, não devia ser mais de R\$ 500 mil”, disse o delator.

Em 2014, a Odebrecht doou, de maneira legal, R\$ 770 mil para o ex-governador Renato Casagrande (PSB) e R\$ 740 mil para o governador Paulo Hartung (PMDB).

CAIXA DOIS

Fora as doações oficiais, o empreiteiro relatou ter feito doações via caixa dois para a campanha que levou Fernando Pimentel (PT) ao governo de Minas Gerais em 2014. “Pimentel foi uma pessoa que nos apoiou muito. Se ele tivesse pedido R\$ 15 (milhões) eu teria incentivado”, relatou, acrescentando que “estava implícito que uma parte é caixa dois”. (AG)

TETO OFICIAL

R\$ 500
mil como limite

Este era o teto para doações oficiais em Estados considerados estratégicos.

Funcionários roubaram até no setor de propina

▄ O departamento da propina da Odebrecht foi alvo de... roubo. E dos próprios funcionários da empreiteira. De acordo com o “Fantástico”, da TV Globo, Marcelo Odebrecht, ex-presidente da construtora, disse em seu depoimento que a empresa também foi alvo de saque. O setor movimentou cerca de US\$ 3 bilhões em nove anos.

“Tanto é assim que a gente foi descobrir agora quanto de roubo interno que havia. Por quê? Porque, se esse tipo de controle existisse por alguém, nós teríamos discutido a quantidade de desvio interno que houve. Ou seja, as pessoas que faziam desvio interno se beneficiavam justamente do fato de que não havia nenhum tipo de controle”, dis-

se Marcelo Odebrecht em seu depoimento.

Segundo Marcelo, o dinheiro que circulava no departamento de propinas era usado também para “resolver problemas” no exterior. O objetivo era ter dinheiro rápido para caso a construtora precisasse, sem que o montante entrasse na contabilidade oficial.

“Todo mundo sabia que havia essa necessidade. Por exemplo, você não atua em países com guerrilha, ou nas favelas no Rio, sem pagar milícias, sem pagar. Então, tem muito dinheiro que corre. Inclusive, você paga sequestro. Eu participei da questão para trazer o corpo de um engenheiro nosso que foi sequestrado no Iraque”, relatou Marcelo. (AG)